



22º CONGRESSO BRASILEIRO DE PERINATOLOGIA

IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL de Medicina Fetal da SGOB

CENTRO DE CONVENÇÕES
ULISSES GUIMARÃES . BRASÍLIA . DF
19 A 22 DE NOVEMBRO DE 2014

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Clínico E Epidemiológico Dos Casos De Sífilis Congênita Notificados No Nordeste Brasileiro

Autores: RICARDO FELIPE SILVA SOARES (UFPI); MATHEUS COÊLHO COSTA (UFPI); GEOVANE BRUNO OLIVEIRA MOREIRA (UFPI); DIANA ANDRESSA MENDES ANDRADE (UFPI); RAIMUNDA DA SILVA MACÊDO (UFPI)

Resumo: INTRODUÇÃO: A sífilis congênita possui elevadas taxas de transmissão, podendo causar morte fetal. Caracteriza-se como um grande problema de saúde pública no Brasil, sendo relevante a realização de estudos epidemiológicos que vislumbram o delineamento deste agravo. OBJETIVOS: Determinar o perfil epidemiológico dos casos notificados de sífilis congênita nos Estados do Nordeste do Brasil. MÉTODOS: Estudo analítico e retrospectivo utilizando-se dados tabulados a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) referentes aos casos de sífilis congênita notificados no Nordeste brasileiro de 2009 a 2012. Consideraram-se variáveis clínicas e sócio demográficas da mãe e da criança. Os resultados foram apresentados em frequência e porcentagem simples. RESULTADOS: A maioria das pacientes com sífilis congênita residem na zona urbana (88,16%) e são pardas (83,67 %). 71,39% das grávidas não possuíam o ensino fundamental completo, tornando a escolaridade um fator relevante na prevenção da sífilis congênita. A realização do pré-natal ocorreu na grande maioria dos casos (77,97%), no entanto em 83,35% dos casos o parceiro não realizou o tratamento, evidenciando, assim, uma possível reinfecção. O diagnóstico foi feito no momento do parto/curetagem em 47,15% dos casos. As crianças eram em sua maioria do sexo feminino (51,07%). A grande maioria foi classificada como caso de sífilis congênita recente (94,78%), encontrando-se na faixa etária até 6 dias (95,98%), evoluindo satisfatoriamente e permanecendo vivas em 96,14% dos casos. CONCLUSÃO: Observou-se, dos dados analisados, que a escolaridade da paciente é um fator relevante na sífilis congênita. Já a não realização do pré-natal por si só não é um risco, pois muitas vezes o diagnóstico é feito e o problema se dá durante o tratamento que muitas vezes não é realizado pelo parceiro, gerando a reinfecção e o risco de sífilis congênita. Nesse contexto ainda são fundamentais estratégias epidemiológicas que interfiram para modificar o panorama da sífilis congênita no Nordeste brasileiro.